

**A TEODICEIA DO LIVRO *O PROBLEMA DO  
SOFRIMENTO*, DE C. S. LEWIS**

**The Theodicy from the book *The Problem of Pain*,  
by C.S. Lewis**

Wudson Marcos Sena de Lima\*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5913283463929754>

**RESUMO:** Este trabalho apresenta a Teodiceia do livro *O problema do Sofrimento* (2009) de C. S. Lewis, aonde o autor tenta mostrar uma possibilidade para a coexistência de Deus e do sofrimento humano. O texto em questão afirma a primazia dos propósitos de Deus e o papel secundário da humanidade. Ao abusar de seu livre-arbítrio, Adão foi responsável pela queda. Apesar do sofrimento e, mesmo por meio dele, a misericórdia divina dá a chance de reconciliação com o Criador. Deus nunca desejou a desgraça dos humanos, ele usa o mal causado por estes como instrumento para reaproximá-los dele: a única fonte do que poderíamos chamar de Verdadeira Felicidade.

**Palavras-chave:** Deus; Sofrimento; Teodiceia; C. S. Lewis.

**ABSTRACT:** This paper shows the theodicy from the book *The Problem of Pain* (2009) by C.S. Lewis, that tries to show a possibility to the coexistence of God and human pain. The text under discussion highlights the priority of God's purposes and the secondary role of humanity, that being responsible for their own fall, find in the mercy of divinity the chance to reconcile with the creator, that although he didn't wish the infortune of humans, he uses the bad result caused by them as an instrument to reapproach people to him: the only source we could call True Happiness.

**Keywords:** God; Pain; Theodicy; C. S. Lewis.

---

\* Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), especialista em Sociologia e Orientação Educacional e pós-graduando (especialização) em Ensino Religioso pela Faculdade Dom Alberto. Professor de Filosofia e Sociologia na Faculdade SENAC Palhoça.

## INTRODUÇÃO

Uma teodiceia, tradicionalmente, trata da defesa da existência de um Deus Bom e Onipotente, mesmo diante da constatação do mal no mundo. Esta é a proposta de C. S. Lewis<sup>1</sup> em seu livro *O Problema do Sofrimento* (2009), cuja primeira edição foi publicada em 1940. A questão é expressa pelo autor da seguinte maneira: “Se Deus fosse bom, Ele desejaria tornar suas criaturas perfeitamente felizes, e se fosse todo-poderoso, seria capaz de fazer o que quisesse. Mas as criaturas não são felizes. Portanto a Deus falta a bondade ou o poder – ou ambas as coisas” (LEWIS, 2009, p.33). Talvez o sofrimento seja uma das condições que os humanos mais têm em comum. Se existe um Deus amoroso como esse de quem tanto se fala, ele parece desdenhar de suas próprias criaturas.

A questão inicial a ser considerada seria a afirmação da evidência do sofrimento humano e da provável falta de sentido na existência. Lewis parte da obviedade da presença do mal no universo, explicando que ele mesmo já negou a existência de Deus perante tal constatação. Após tais considerações, serão explicados sucintamente os principais elementos do desenvolvimento das religiões, com ênfase para a especificidade do cristianismo, já que na obra selecionada o autor parte de uma perspectiva cristã.

Lewis argumenta que para fazermos qualquer asserção sobre a Onipotência e a Bondade divina é necessário analisar cuidadosamente o significado de cada um desses atributos, evitando afirmações equivocadas. Semelhante ao que ocorre com a interpretação errônea sobre a bondade de Deus, quando se fala sobre seu Amor, normalmente as pessoas o idealizam como sendo um atributo que fará com que a Divindade esteja sempre pronta para realizar o desejo de cada sujeito, deixando-os mergulhados em um prazer ininterrupto. Mas para o autor tal interpretação seria equivocada. C. S. Lewis apresenta algumas analogias, com base em suas interpretações das Escrituras Sagradas, para explicar o que seria o verdadeiro significado do amor de Deus.

Após as analogias, ele expõe a ideia de que o Universo - e tudo o que existe nele - possui leis fixas e que, portanto, todas as ações humanas ou da natureza, estão dentro de

---

<sup>1</sup> Clive Staples Lewis foi um escritor nascido na Irlanda do Norte, em 1898. Ainda na infância ele se muda para a Inglaterra com seus pais, onde posteriormente desenvolve sua carreira acadêmica se tornando professor de Língua Inglesa na Universidade de Oxford e em seguida de Literatura Medieval e Renascentista na Universidade de Cambridge. C. S. Lewis é mais conhecido por suas obras literárias, mas também produziu vários escritos de conteúdo teológico e filosófico. O autor morreu em 1963, na Inglaterra.

uma limitação de possibilidades. Assim certos efeitos são inevitáveis por conta de suas causas antecedentes. Deus criou a partir de sua própria existência, logo a organização da criação conteria o princípio de *não-contradição*, que é uma característica inerente à própria natureza divina. O conceito de livre-arbítrio é abordado, sobretudo, para descrever como a queda do homem seria resultado do abuso do poder de escolha.

Naturalmente o fato de Deus saber de antemão quais seriam as consequências do pecado suscita perguntas como: “Se Ele já sabia que as criaturas iriam desobedecer, causando assim o sofrimento, não teria sido melhor não criá-las?”. Lewis parte da suposição de que Deus é perfeitamente Bom, então sua decisão de criar também deve ter sido perfeitamente boa. Apesar de tocar no assunto, o autor não se aprofunda nessa questão, mas tenta deixar claro que o objetivo de seu texto é muito mais modesto, conforme lê-se no trecho abaixo:

E devo advertir o leitor de que não tentarei provar que criar foi melhor que não criar: não tenho conhecimento de balanças humanas em que uma questão desse porte possa ser ponderada [...] Nosso projeto é bem menos formidável: visa apenas descobrir como, percebendo um mundo de sofrimento e estando certos, a partir de fundamentos bem diversos, de que Deus é bom, como devemos conceber essa bondade e esse sofrimento sem contradição (LEWIS, 2009, p. 43-44).

Mesmo que em princípio seu objetivo não fosse que estivéssemos submetidos à dor, o Criador permite que o resultado negativo da escolha humana possa ser um meio para nos levar ao que é verdadeiramente bom, a saber: a reaproximação e o conhecimento do próprio Deus. Lewis afirma “[...] que o bem para nós em nosso estado atual, deve, portanto, significar bem reparador ou corretivo” (LEWIS, 2009, p. 100).

Haverá uma explicação sobre como o sofrimento seria o instrumento usado por Deus para reparar o estrago que o próprio homem causou. Diante dos questionamentos sobre a bondade de Deus, mediante a doutrina da condenação ao inferno, Lewis apresenta uma explicação de que o inferno consistiria no total distanciamento de Deus, uma espécie de consumação da afirmação da falsa autossuficiência dos indivíduos que negam sua dependência do Criador. Por fim, há algumas considerações acerca do propósito final para *os crentes em Cristo*, a saber: o Céu. Considerando que a morada no Paraíso teria uma duração eterna, alguns anos de sofrimento na Terra seriam insignificantes.

O objetivo principal do livro *O problema do sofrimento* de C. S. Lewis não é oferecer conforto emocional para os sofredores como também não é provar que a bondade

e a onipotência, que os cristãos ortodoxos atribuem a Deus, são incontestavelmente verdadeiras. O objetivo principal do autor é demonstrar a coerência da Doutrina Cristã a respeito do assunto apresentado, mostrando uma possibilidade para a resolução do problema intelectual do sofrimento.

## 1. COMO SURGE O PROBLEMA DO SOFRIMENTO?

Diante da imensidão do Universo parece insignificante a quantidade de seres existentes e, principalmente, a quantidade de felicidade disponível a esses seres. As formas inferiores simplesmente vivem e morrem, mas as chamadas superiores têm a capacidade de sofrer e, além disso, causar sofrimento a outros seres. O ser humano tem ainda a Razão que lhe permite prever seu sofrimento, fazendo-o padecer por antecedência. Temos a capacidade de criar recursos que podem aumentar ainda mais o sofrimento de nossos semelhantes, exemplos disso são as armas de guerra, que tornam-se cada vez mais sofisticadas e os instrumentos de tortura usados ao longo da história.

Nos raros momentos de felicidade está presente o medo de perdê-la. Quando ela já se foi resta a angustiante lembrança. Tudo se mostra efêmero, desde as relações pessoais através das quais foram construídas as civilizações, até a própria matéria que compõe o universo. Enquanto existem coisas fadadas ao término, os momentos de alívio são esmagados pela enorme angústia presente na maior parte do tempo. Tudo isso parece apontar para a não existência de um ser benevolente e todo-poderoso. Se existe um Ser superior ele parece malévol, impotente e indiferente a nós. Perante a isso, seria necessário fazer a seguinte pergunta: “Diante de tanto sofrimento, como as pessoas puderam atribuir a criação do Universo a um Ser Bom?”

Para Lewis (2009, p. 20) a constatação sensível da natureza não deve ser a base da religião. Comumente afirma-se que “nossos ancestrais eram ignorantes e que, portanto, nutriam ilusões agradáveis acerca da natureza, que o progresso da ciência veio dissipar.” Mas tal afirmação trata-se de uma inferência equivocada, uma vez que a constatação do vazio do Universo e do sofrimento sempre foram reais, mesmo que em dimensões diferentes em cada contexto.

Desde os primórdios, onde as pessoas viviam em meio à imensidão da floresta, já se tinha motivos para atribuir falta de sentido a um mundo tão grande, mas tão vazio

de felicidade. Vejamos como Lewis descreve o exemplo do contexto no qual se originou o cristianismo:

Nossa religião, por exemplo, principia-se entre os judeus, povo oprimido por grandes impérios guerreiros, continuamente derrotado e levado como prisioneiro, familiarizado que era, como a Polônia ou a Armênia, com a trágica história dos conquistados. É mera tolice situar o sofrimento entre as descobertas da ciência [...] Em qualquer época, portanto, inferir a bondade e a sabedoria do Criador proveniente do curso dos acontecimentos deste mundo teria sido igualmente absurdo [...] (LEWIS, 2009, p.20).

A origem da religião não consistiria então num resultado das experiências sensoriais a respeito da natureza. Lewis apresenta três elementos principais que estão presentes no desenvolvimento de toda religião, além de mostrar um quarto elemento específico do cristianismo.

O primeiro elemento é a experiência do *numinoso*, termo cunhado por Rudolf Otto (2007). A expressão se refere a um sentimento específico da religião. Lewis exemplifica mencionando o medo natural que a maioria de nós teria se soubesse que um tigre está se aproximando. O medo está relacionado, principalmente, ao fato de sabermos que o tigre nos poderia usar como alimento. Em seguida, nos lembra do sentimento que haveria se acreditássemos que há um fantasma no cômodo ao lado, provavelmente também ficaríamos com medo, mas de uma forma diferente daquela sentida pela suposição de que ele comeria nossa carne. Lewis convida o leitor a pensar no que sentiria se soubesse que um espírito poderoso está no cômodo. Haveria uma espécie de perturbação, por se tratar de um ser desconhecido, além da sensação de impotência diante de um ser poderoso, misterioso. O sentimento relacionado a esse terceiro exemplo seria o que mais se aproxima do *numinoso* (LEWIS, 2009).

O *numinoso* é essa perturbação pelo suposto espírito que nos assombra, e tal sentimento sempre existiu. Mesmo que ele não esteja presente de maneira tão intensa no homem moderno, ainda existe num nível que permite compreendermos a explicação da experiência mencionada até fazermos um retrocesso para imaginarmos como nossos ancestrais se sentiam em relação a espíritos misteriosos. Embora não haja como comprovar quando este sentimento surgiu, a questão é que ele jamais deixou de existir. Não se trata de algo puramente fisiológico ou ainda algum sentimento religioso cujos termos usados para nomeá-los permitam uma explicação que esgote seu significado. O *numinoso* seria o aspecto irracional da religião. Ele não pode ser completamente explicado.

Lewis (2009, p.24) escreve que “Não é possível, partindo do simples perigo desenvolver o argumento até chegar ao estranho, menos ainda ao Numinoso pleno”. Esse sentimento é comum na natureza humana, mas não é natural no que diz respeito ao fato de estar contido no sentimento de perigo.

A maior parte das tentativas de explicar o numinoso pressupõe a coisa a ser explicada – como quando os antropólogos a deduzem do medo dos mortos, sem explicar por que os mortos (que constituem notadamente o tipo menos perigoso de pessoas) teriam atraído esse sentimento peculiar [...] parece haver apenas dois pontos de vista que podemos assumir acerca do espanto. Ou ele é tão somente uma peculiaridade da mente humana, que não corresponde a nada objetivo e tampouco serve a alguma função biológica, sem no entanto demonstrar nenhuma tendência a desaparecer em seu desenvolvimento mais pleno no poeta, no filósofo ou no santo; ou então se trata de uma experiência direta com o sobrenatural, a que o nome revelação pode ser dado com propriedade (LEWIS, 2009, p. 25).

O sentimento do *numinoso* não consiste necessariamente num conceito de bom ou mal em relação ao assombro sentido. Um sujeito pode ter tal sentimento e não fazer nenhum juízo moral a partir dele.

O segundo elemento da religião seria exatamente o reconhecimento da moralidade. A explicação da existência de uma lei moral também ultrapassa qualquer coisa que possa ser apreendida pela experiência. Segundo Lewis (2009, p. 27), “[...] as moralidades aceitas pela humanidade podem diferir [...] mas todas concordam em prescrever um comportamento que as pessoas que o adotam não conseguem pôr em prática”. A moralidade como um dos elementos originadores da religião não se trata apenas do reconhecimento de uma lei que transcenda as relações puramente materiais, mas também da percepção de que esta lei é, simultaneamente, correta e desobedecida.

O terceiro elemento do desenvolvimento religioso é quando o sujeito reconhece o Poder Numinoso como sendo o guardião da lei moral que ele se sente obrigado a seguir. C. S. Lewis acredita que não há nenhuma necessidade lógica ou biológica para que esses sentimentos se desenvolvam no ser humano, se tratariam de fatores sem nenhuma correspondência objetiva ou, de fato, seria uma revelação.

Esses seriam os três aspectos básicos do desenvolvimento religioso. O elemento específico do cristianismo é a própria pessoa de Jesus, chamado *o Cristo*. Ele é a pessoa central da religião cristã, que afirmava ser o Filho de Deus, O Poder Numinoso, guardião da lei moral e ao mesmo tempo um com Ele. A própria religião cristã seria responsável pelo surgimento do problema do sofrimento, pois o Deus dos cristãos é descrito como

sendo bom, amoroso e onipotente. Diante disso se faz necessário uma explicação do porquê termos tanta dor em nossa existência.

## 2. A ONIPOTÊNCIA E A BONDADE DE DEUS

Lewis parte do conceito de São Tomás de Aquino (2009) a respeito da Onipotência divina, segundo o qual Deus pode fazer todas as coisas que são intrinsecamente possíveis. Ele não faz nada que implique em contradição. Essa explicação da onipotência parte da noção tomista de que Deus é Ato Puro, ou seja, sua eternidade faz com que até mesmo as ações mais duradouras na limitada cronologia humana não passem de períodos insignificantes. Na verdade, a própria palavra “período” cabe apenas à existência humana, uma vez que Deus é o próprio autor do tempo e não está restrito à sua própria criação que demarca a efemeridade dos segundos, das horas, dos anos e dos milênios. Mesmo que a relação da Divindade com a humanidade seja manifesta através de acontecimentos temporais, a noção de que Ele possui características mutáveis consiste apenas numa aparência. Ele é a causa de todas as contingências existentes, mas não há nada contingente nele próprio. Deus é o Ser Absoluto do qual todos os seres se originaram.

Segundo a *lei da não contradição*, arraigada no ocidente pelos discursos metafísicos, não é possível que ao mesmo tempo um *ser* seja *não-ser*. Assim sendo, o próprio Deus não faz aquilo que não faz parte do seu Ser. Ele não pode ser o que não é. Não pode ferir a *lei da não contradição*, pois esta constitui parte de sua própria natureza. Mesmo que as possibilidades que sua Auto existência permitem sejam muitíssimo superiores às dos seres criados. E é nesse sentido que se diz que Deus é onipotente. Não significa que Deus está preso a uma lei, mas sim que a não-contradição é algo inerente a ele e está presente em tudo o que criou.

Quando se fala na Bondade de Deus, muitos a definem como uma permissividade desenfreada. Uma concessão de possibilidades para que possamos invariavelmente satisfazer nosso hedonismo. Sobre isso, diz o autor:

O que de fato nos deixaria satisfeitos seria um Deus que dissesse de tudo o que por acaso gostássemos de fazer: “O que importa, contanto que estejam felizes?”. Queremos, com efeito, menos um Pai no céu que um avô no céu – certa benevolência senil que, como se diz, “gostasse de ver os jovens usufruindo as coisas” e cujo projeto para o Universo fosse simplesmente que

se pudesse dizer sinceramente ao fim de cada dia: “Todos se divertiram” (LEWIS, 2009, p. 48-49).

Lewis comenta que tudo o que Deus faz não tem no homem o propósito principal. Deus não existe por causa do homem, mas existimos por sua causa. O principal propósito para a vida não é nossa felicidade aqui e agora, como tendemos a pensar quando se fala sobre a bondade divina. Deus vai muito além de fornecer um ambiente agradável onde nosso hedonismo possa ser invariavelmente satisfeito. O propósito da criação de Deus é uma relação de amor com suas criaturas, no entanto a relação tem como finalidade a glorificação do próprio Deus. O conceito de bondade divina, geralmente, ao ser pronunciado faz vir à tona a ideia de amor. Para Lewis não há problema considerar esta característica da bondade de Deus e, conforme será mostrado no próximo tópico, é isso que o autor faz, apresentando uma explicação sobre o que seria o verdadeiro significado do amor.

## 2.1. Analogias sobre o amor de Deus

C. S. Lewis faz algumas analogias comparando o amor de Deus pela humanidade ao amor entre sujeitos e/ou objetos. Seu intuito é demonstrar que não é tão estranha assim a ideia de que o verdadeiro amor pode permitir ou até mesmo causar o sofrimento do ser amado, para o próprio bem deste segundo. Antes de falar dos quatro exemplos que serão expostos aqui, retomo a consideração de Lewis de que qualquer analogia que se faça em relação Deus será ridícula, considerando a grandeza do amor divino comparada à maneira superficial que as pessoas amam.

Na primeira analogia Lewis diz que algumas obras de um artista podem não ser tão valorizadas por ele próprio quanto outras. Podem existir casos em que um artista termine uma escultura, mas como fez aquilo só para passar o tempo e o resultado final não saiu muito bom, ele a guarda e a esquece em sua prateleira, até mesmo por anos. Mas todo artista tem aquelas obras que realmente significam muito para ele, nelas ele trabalha mais minuciosamente e não descansa até que tenha o resultado esperado. Imagine o quanto a escultura gritaria de dor ao receber várias marteladas até que o rosto que está sendo esculpido ficasse perfeitamente ajustado. Certamente ela acharia melhor continuar com o rosto assimétrico do que sentir dor para depois ser mais admirada e se encontrar num nível superior ao daquelas que estão esquecidas na prateleira empoeirada.

Nós seríamos uma obra de arte divina. Não aquela feita apenas para um passatempo, mas Deus se preocupa com as pessoas como um artista se preocupa com suas obras especiais. Semelhante à atitude da escultura amada, às vezes também pensamos ser melhor continuar na forma inapropriada do que sofrer para sermos pessoas melhores.

Na segunda analogia, o autor exemplifica utilizando a relação de uma pessoa com o cão que, segundo os padrões humanos, geralmente é considerado o animal mais digno de ser amado. A questão é que a domesticação do cachorro não seria feita para que o dono se torne mais digno do amor do animal, o que ocorre é exatamente o contrário. Mesmo que o dono continue respeitando a natureza do cão em alguns aspectos, a pessoa tenta modificar algumas características ou costumes do animal, para que o cão se enquadre nos padrões de convivência sob os quais se encontra.

De certa forma, há a tentativa de tornar o animal de estimação mais parecido com o dono. Tais atitudes certamente não são sempre confortáveis para o animal, mas a pessoa o trata dessa forma porque o ama e acredita que pode torná-lo mais amável. Acredita que mesmo que o cachorro se incomode quando tenha que tomar banho, se sinta mal enquanto um carrapato é arrancado de suas costas e não goste quando é punido ao roubar carne da geladeira, o resultado final será melhor para o próprio cão. Enquanto isso os humanos querem que Deus os deixe por sua própria conta, para que não sejam incomodados com repreensões e tratamentos, muitas vezes dolorosos. Mas se ele nos deixasse seguir nossa natureza, não conseguiríamos nos aproximar daquilo que ele realmente deseja que sejamos.

Baseado nos padrões da cultura patriarcal judaico-cristã, Lewis nos apresenta a terceira analogia. Um pai que realmente ama o filho não fica feliz em vê-lo cometendo atitudes grotescas e prejudiciais, pelo contrário, o pai irá restringi-lo e até mesmo castigá-lo quando necessário. Isso não significa que, ao reprimi-lo, o pai sinta prazer em vê-lo irritado e angustiado com a situação, mas com sua experiência ele sabe que o resultado da repreensão e do castigo será melhor para o filho.

Um pai meio arrependido de ter posto o filho no mundo, que hesita em reprimi-lo por medo de criar nele inibições ou que até mesmo deixa de instruí-lo para não interferir em sua independência de espírito, é um símbolo enganador da Paternidade Divina [...] Até mesmo em nossos dias, embora um homem pudesse dizê-lo, suas palavras nada significariam se afirmasse: “Amo meu filho, mas não me importo de ele ser um grande patife, contanto que se divirta” (LEWIS, 2009, p. 54).

Segundo o autor temos a tendência em pensar que, se Deus nos ama, deveria permitir que fizéssemos tudo o que queremos, fornecendo todas as possibilidades para a satisfação de nossos desejos egoístas. Mas ele nos ama de uma forma superior ao que os sentidos humanos podem captar. Esse amor faz com que não fique satisfeito em nos deixar sermos enganados com nossa ingenuidade (no pior sentido da palavra).

Na quarta analogia, permanecendo numa visão relacional patriarcal, Lewis tenta mostrar o quanto o amor é exigente. As Escrituras Sagradas comparam a relação entre Deus e o homem com a relação entre o noivo e a noiva. Deus seria o noivo perfeito que ama a noiva incondicionalmente. A humanidade seria como o povo de Israel, retratado como um povo infiel que se entrega a tudo aquilo que é contrário à vontade do Eterno, o que prejudica a ela mesma ao se afastar daquele que é o único capaz de restaurá-la. Ele não suporta ver qualquer mancha ou ruga em sua amada, isso porque seu caráter é puro, perfeito. Ele ama de acordo com seu caráter.

Diz-se que o amor é exigente não no sentido de impor condições para que se ame, pois alguém que ama verdadeiramente não terá o sentimento diminuído por conta de alguma imperfeição no sujeito amado. Mas o que o autor apresenta é o fato de que o amor perdoa qualquer defeito, no entanto também é o que mais deseja a remoção das imperfeições de quem se ama, justamente porque o interesse e a preocupação se tornam mais intensas nesse tipo de relação. “O amor pode perdoar todas as enfermidades e continuar amando a despeito delas, mas o amor não pode deixar de desejar a sua remoção” (LEWIS, 1940, p. 34). Quanto mais inferior for o sentimento que uma pessoa nutre pela outra, menos interesse haverá no aperfeiçoamento do outro indivíduo.

Nas analogias aqui expostas talvez fique a impressão de que o amor de Deus tem um caráter totalmente egoísta, uma vez que deseja o aperfeiçoamento do sujeito amado. Mas conforme essa teodiceia, há uma consideração que precisa ser feita antes de afirmar qualquer tipo de narcisismo em uma característica divina. O amor humano é infinitamente inferior, é despertado por meio de uma carência. Vemos algo de bom no ser amado, seja real ou ilusório, e acreditamos necessitar daquilo que há nele. Mas o amor de Deus não parte de nenhuma falta. Nós não temos nada para lhe acrescentar. Tudo o que ele precisa encontra-se nele, somos apenas derivados de sua existência. Ele tem tudo para dar e nada para receber. Não há nada que possamos oferecer-lhe que antes já não tenha saído dele.

Deus, como um ser soberano, justo e perfeito não precisa de nós para que seja promovido ou tenha seu ego acariciado. Por várias vezes vemos a manifestação de Deus

como alguém que nos deseja, que anseia por nós. O Eterno assume uma humildade que excede todo o entendimento porque precisamos que alguém precise de nós. Tudo o que podemos chamar de “receptividade” ou “necessidade” em Deus é apenas aparência.

O ser humano pode reduzir a glória de Deus recusando-se a Lhe prestar culto tanto quanto o lunático pode apagar o Sol ao representar toscamente a palavra “escuridão” nas paredes de sua cela. Mas Deus deseja nosso bem, e este equivale a amá-LO (com o amor de gratidão apropriado às criaturas) (LEWIS, 2009, p. 63).

Deus quer dar o que a pessoa verdadeiramente necessita, não aquilo que ela acha que precisa. Qualquer uma das criações não contém em si a completude que há na relação com o próprio Criador. Esta exclusividade de Deus, no que diz respeito a ser o bem supremo para os humanos, faz parte da natureza divina. Ele não decidiu perversamente que nós permanecêssemos insatisfeitos e frustrados quando buscássemos a plenitude em algo diferente. Deus nos criou de acordo com sua natureza e ele é o sumo Bem de qualquer criatura, pois viemos dele mesmo.

### **3. O LIVRE-ARBÍTRIO E A ORGANIZAÇÃO DAS AÇÕES NO UNIVERSO**

Deus estabeleceu leis fixas para o funcionamento do mundo. Uma dessas leis diz respeito à nossa capacidade de escolha: o livre-arbítrio. Segundo uma das doutrinas cristãs ortodoxas, que tem como uma das principais fundamentações a definição de Santo Agostinho (2004), em quem Lewis (2009, p. 62) se baseia para explicar o tema em pauta, o livre-arbítrio não consiste na possibilidade de escolha entre um número infinito de alternativas, mas na decisão diante de um número limitado de alternativas existentes, “[...] nossa liberdade é apenas uma liberdade de reação melhor ou pior”.

Lewis não tenta explicar se seria melhor Deus ter nos dado livre-arbítrio ou não, apenas parte da constatação de que ele fez assim e que a organização das ações humanas no universo contém esse princípio. Deus poderia ter criado seres que agissem como robôs, poderia obrigar cada indivíduo a agir desta ou daquela maneira. Mas sem o livre-arbítrio não haveria relações de amor genuínas, os humanos seriam apenas compelidos à certas ações.

Segundo o autor, fomos criados para amarmos a Deus de maneira voluntária, um amor que pode ser recíproco por parte de nós, ou não. As escolhas referentes a certas ações também dizem respeito aos relacionamentos entre uma e outra pessoa. O fato de

Deus ter criado os humanos com essa capacidade mostraria ainda mais sua Soberania do que se tivesse feito cada um como marionetes, cujo ventríloquo seria ele próprio. A criação mais sublime consiste em causar a existência de seres que podem resistir ao seu próprio Criador, esta seria a singularidade da obra de arte divina.

Para que alguém possa escolher, é necessário que haja um ambiente no qual existam coisas a serem escolhidas.

A Deus não é mais possível que à mais fraca de suas criaturas levar a efeito duas alternativas mutuamente exclusivas [...] nem mesmo a Onipotência poderia criar uma sociedade de almas livres sem ao mesmo tempo criar uma natureza relativamente independente e “inexorável” (LEWIS, 2009, p. 36).

Lewis aponta para a inconsistência da afirmação de que Deus poderia nos impedir sempre que tentássemos cometer qualquer atitude ruim. Num mundo onde as coisas ocorressem dessa maneira, todas as vezes que fossemos insultar alguém, nossa língua grudaria no céu da boca. Se quiséssemos ofender alguém mesmo com a língua presa e tentássemos levantar o dedo médio, nossa articulação também travaria nessa tentativa, pois certamente a pessoa se sentiria ofendida com nossa atitude.

Uma vez que seja aceita a ideia de leis fixas no universo, não é possível que os fenômenos se adequem a cada capricho de um único sujeito, muito menos aos de toda uma sociedade. No ambiente em que vivemos, não faz sentido a ideia de que uma bala de revólver, por exemplo, se torne macia como algodão toda vez que estiver indo em direção à cabeça de um inocente. Os cristãos ortodoxos creem que Deus pode fazer isso, através do que chamam de milagres, “[...] mas a própria concepção de um mundo comum e, portanto, estável requer que essas ocasiões sejam extremamente raras” (LEWIS, 2009, p. 41). O “eu” só existe em contraste com o “outro”. A natureza fixa da matéria nos dá ocasião para tomarmos atitudes altruístas ou egoístas, essa natureza dá a possibilidade de nos esforçarmos para fazer o bem ou para sermos hostis na competição com os outros sujeitos.

### **3.1. O Sofrimento é consequência do mal uso do Livre-arbítrio**

Deus não fez o primeiro humano mau. Este se tornou assim pelo abuso do seu livre-arbítrio. O primeiro casal humano era sujeito e disposto à vontade de Deus, mas não forçado a cumprir essa vontade. Lewis apoia a ideia de que Deus sabia que valeria a pena

correr o risco de dar essa capacidade de rejeição ou aceitação para o homem. Segundo o autor, sem o livre-arbítrio não existiria o mal, mas também não existiriam atitudes genuinamente voluntárias e boas, pois tudo seria apenas uma reprodução do que já estava decretado. Diante disso, o primeiro casal tinha a capacidade de optar por uma má escolha. Isso não significa que Deus criou o mal.

Lewis se apoia em Santo Agostinho (1999), segundo o qual o mal não existe de fato. O que existe é a ausência de bem. Segundo Agostinho, o verdadeiro Ser é o Bem. À medida que nos afastamos do Bem, nos corrompemos gradativamente. Essa corrupção é sinônimo de uma não-existência, que vai nos desvanecendo e pode se tornar definitiva, tornando-se um *não-ser*. O mal é esse *não-ser*, ou seja, não existe.

O pecado original consiste no fato da criatura, essencialmente dependente de Deus, escolher afastar-se dele para se tornar independente. O homem poderia escolher seu “eu”, que naturalmente não consegue ser independente de Deus ou o próprio Deus que, também por natureza, é o Sumo Bem de todas as criaturas.

A consequência do pecado foi uma perversão interna em todos os aspectos: físico, mental e espiritual. A partir do primeiro ato de desobediência houve uma mudança na constituição do ser humano, de modo que toda a descendência do primeiro pecador herdasse essas deformidades. A natureza humana foi estragada pelo afastamento entre o Criador e a criatura, de tal forma que o “eu” sempre domina o ser humano.

A partir da queda, a humanidade não mais se manteve em sua natural autoentrega ao Criador, que resultava em um genuíno estado de alegria, mas passou a estar sujeita à corrupção sob a qual todo o restante da natureza também se encontra. “Desobedecer a lei adequada para você [...] significa ver-se obedecendo a uma das leis de Deus de importância inferior: por exemplo, se, ao andar sobre um piso escorregadio você negligencia a lei da Prudência, de repente se verá obedecendo à lei da gravidade” (LEWIS, 2009, p. 93). Antes o homem estava em uma relação direta com Deus, onde ser vítima de sua própria incapacidade de autossuficiência era apenas uma possibilidade, mas o que era apenas algo possível acabou se tornando a triste realidade sofredora humana.

Deus poderia, desde Adão, remover milagrosamente o resultado de cada pecado. Mas, a não ser que continuasse com a remoção no decorrer de todos os milênios, em algum momento estaríamos diante da imunda situação atual. Deus também poderia aniquilar toda a humanidade, sem criar nada posteriormente. Mas ao invés disso ele usa

o sofrimento, resultado de nossa má escolha, para compor sua sinfonia, fazendo tudo convergir para a colaboração do cumprimento de um propósito maior.

Ao comparar a criação com a composição de uma bela sinfonia, Lewis não quer dizer que o mal era algo necessário para que Deus realizasse seu plano, pois mesmo se não tivéssemos pecado, ele conseguiria compor uma belíssima canção. Mas por causa de sua misericórdia e seu amor, ele não nos excluiu de sua obra de arte. O Soberano consegue usar os horríveis sons produzidos pela humanidade para a composição de uma música perfeitamente harmoniosa. Isso mostra mais seu Misterioso Poder do que se tivesse decretado todos os acontecimentos inalteravelmente.

#### 4. O SOFRIMENTO É O MEGAFONE DE DEUS

A maioria dos sofrimentos são consequência da própria maldade humana. “Foi o ser humano, e não Deus, que produziu torturas, açoites, prisões, escravidão, armas, baionetas e bombas. É pela avareza e pela estupidez humana, e não pela sovinice da natureza, que temos pobreza e exploração do trabalho” (LEWIS, 2009, p. 101). Se o completo altruísmo fosse algo comum, que exala de dentro de nós tão naturalmente como respiramos, não seria necessário qualquer destruição do nosso “eu”. Mas mesmo as pessoas mais amorosas precisam negar-se para exercer o mínimo de benevolência.

No decorrer de todo o texto Lewis retoma algumas considerações acerca do verdadeiro significado de felicidade, explicando que o bem e a alegria de uma criatura consistem em se entregar completamente ao Criador, não simplesmente em qualquer prazer fisiológico ou emocional. O bem está em devolver a Deus a vontade que ele nos deu e certamente nos aflige despendendo da vontade que sempre reivindicamos. Nossa vontade egoísta deve ser esmagada.

Podemos continuar contentes em nossos pecados e em nossa estupidez, e quem quer que tenha observado os glutões devorarem as iguarias mais sofisticadas como se não soubessem o que estavam ingerindo admitirá que podemos ignorar até mesmo o prazer. O sofrimento, no entanto, insiste em que se lhe dê atenção. Deus nos sussurra em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas brada em nosso sofrimento: o sofrimento é o megafone de Deus para despertar um mundo surdo (LEWIS, 2009, p. 105-106).

A negação dos nossos próprios desejos é necessariamente sofridora. Através do sofrimento Deus desperta o pecador para que este veja que sua conduta vai contra a lei do Universo. Isso demonstra que Deus é bom, no verdadeiro sentido da palavra, pois não

seria bom se tivesse prazer em qualquer atitude ou aspiração nociva. Querer que Deus não tenha aversão à imundície humana “[...] é como desejar que cada nariz no Universo seja abolido, que o cheiro do feno, das rosas ou do mar nunca mais deleite criatura alguma, só porque nosso hálito começa a cheirar mal” (LEWIS, 2009, p. 68).

O sofrimento é usado para nos tratar, pois nossa felicidade está em Deus e nós a procuramos nas coisas criadas. Uma vez que achamos ser capazes de viver independentemente, passamos a depositar todas as nossas forças em conquistar coisas que irão compor a satisfação do nosso narcisismo. Coisas como bens materiais ou relações que possam acariciar nosso ego. Podemos ter tudo, mas se não tivermos Deus seremos miseráveis. Ele deve, então, tornar nossa vida menos agradável para acabar com a ilusão da falsa felicidade. O fato de Deus nos aceitar, mesmo diante da evidência de que só voltamos para ele quando não temos outra alternativa, demonstra a humildade divina. Se o Criador nos aceitasse somente quando nos voltássemos a ele com base nos motivos mais puros, ninguém seria aceito.

Chamo a isso humildade divina porque é lamentável arriarmos a bandeira e nos render a Deus quando o barco já está afundado. É lamentável dirigirmos a Ele como o último recurso, ofertar “o que nos pertence” quando isso não é mais digno de ser conservado. Se Deus fosse orgulhoso, Ele dificilmente nos aceitaria em tais condições. Contudo, Ele não é, por isso se curva para conquistar e nos aceitará, mesmo que tenhamos demonstrado que preferíamos tudo o mais a Ele e que nos voltamos a Ele por não haver “nada melhor” (LEWIS, 2009, p. 110).

Talvez o sofrimento não seja bom em si mesmo, mas deve-se considerar a relevância dele para os resultados do nosso aperfeiçoamento, pois “[...] mesmo que o próprio sofrimento não tenha tido valor espiritual, ainda assim, se o medo e a compaixão teve, o sofrimento deve existir a fim de que houvesse algo de que ter medo e sentir compaixão” (LEWIS, 2009, p. 118). Os sentimentos em questão nos possibilitam uma visão mais reflexiva dos acontecimentos à nossa volta, nos ajudando a ponderar sobre certas ações que costumamos tomar com base em motivações patéticas. A compaixão, por exemplo, nos desperta para participar da infelicidade do outro, incentivando-nos a não mais focar em nosso hedonismo.

As pessoas precisam aprender com o próprio sofrimento e com os sofrimentos dos outros. Ao mesmo tempo em que o cristianismo ensina sobre o quanto sofrer nos ajuda a melhorar, sua doutrina também ensina que não há nada de errado em querer que o sofrimento seja removido. Jesus Cristo é a pessoa central da fé cristã, sua atitude de ser o

personagem principal do horrível espetáculo da crucificação, em favor de humanos tão desumanos, é o exemplo máximo da autonegação e do amor direcionado a pessoas que não têm mérito algum.

A tarefa de negar-se a si mesmo já foi cumprida em sua mais extrema intensidade, pelo próprio Cristo. Aquele que “esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens”<sup>2</sup> está sempre pronto para fortalecer todo aquele que queira se aproximar dele, imitando sua atitude de autoesvaziamento. “O cristianismo ensina-nos que a terrível tarefa já foi em certo sentido realizada para nós, que a mão de um mestre segura a nossa enquanto tentamos traçar as letras difíceis e que nosso roteiro precisa ser apenas uma ‘cópia’, não um original” (LEWIS, 2009, p. 117).

A dor causa a destruição da ilusória autossuficiência, permitindo que a criatura receba a verdadeira força que vem de Deus. Lewis diz que seu objetivo não é mostrar que a doutrina cristã é agradável, apenas que ela é possível. Mas como um Deus tão misericordioso, a ponto de providenciar a salvação para criaturas tão miseráveis, pode mandar alguns desses infelizes para o inferno?

Deus não quer que suas criaturas pereçam no inferno, mas como em todo o texto tratou-se do assunto à partir da ideia de que o homem possui livre-arbítrio, presume-se que ninguém é obrigado a realizar a autonegação. Deus usa o sofrimento para nos alertar sobre o fato de estarmos no caminho errado, no entanto, ele não nos prende com correntes e nos arrasta obrigatoriamente até si. “Como pode o ato supremo e voluntário da auto-rendição ser involuntário?” (LEWIS, 2009, p. 134). Para se entregar a Deus, é necessário admitir a própria maldade, para que o ser humano seja livre da corrupção, perdoado e salvo. Sendo assim, “[...] o homem que não admite culpa não pode aceitar perdão” (LEWIS, 2009, p. 138).

O inferno seria a consumação da afirmação do *eu*, em detrimento da rendição diante da Misericórdia divina. É preciso admitir nossa vergonha. No céu todos saberão que o sujeito era detestável e só foi salvo pela misericórdia. Talvez os não salvos não queiram passar por tal constrangimento.

Nosso egoísta imaginário tentou transformar tudo que ele encontra em um ramo ou prolongamento do eu. O gosto pelo *outro*, ou seja, a própria capacidade de usufruir o bem, é apagado nele, exceto na medida em que seu corpo ainda o impele a algum contato rudimentar com o mundo exterior. A morte elimina esse último contato. Ele satisfaz seu desejo – permanecer

---

<sup>2</sup> *Filipenses 02:07*

inteiramente no eu e tirar o melhor proveito do que lá encontra e o que lá encontra é o Inferno (LEWIS, 2009, p. 138-139).

Mas não seria desproporcional o tempo entre o pecado transitório e a danação eterna? A vida terrena e o exercício do nosso livre-arbítrio constituem apenas a linha-base de toda a figura plana e sólida que representa a eternidade. O fato de a vida na Terra ser curta deve-se a um ato de misericórdia divina, pois se ele permitisse que nossa experiência terrena durasse mais tempo os estragos seriam ainda maiores.

## 5. A INSIGNIFICÂNCIA DO SOFRIMENTO DIANTE DO CÉU

Para Lewis, aqueles que acusam o cristianismo de ser uma religião que incentiva a negação do *eu*, na verdade, não estão fazendo nenhuma falsa acusação. No entanto, não compreendem o sentido da autonegação cristã aqueles que a descrevem como sendo simplesmente uma supressão da subjetividade.

Assim como cada indivíduo tem certas aspirações grotescas mais acentuadas do que outro sujeito, cada um também possui a predominância da admiração e do anseio por virtudes diferentes. Mesmo que as virtudes desejadas possam se aproximar, é improvável que sejam aspiradas com a mesma intensidade, mesmo em comparação com apenas um outro indivíduo. A negação exigida por Deus para que a criatura se reaproxime dele, diz respeito às aspirações nocivas, pois o próprio Criador fez cada alma com uma peculiaridade inigualável, portanto, o problema não está na singularidade, mas no fato de negarmos o compartilhamento daquilo que Deus nos deu para que pudéssemos também doar aos outros.

Por mais que tentemos descrever os gostos e os sentimentos que existem dentro de nós, nunca conseguimos nos exprimir de forma que o interlocutor tenha uma compreensão completa do que queremos dizer. Na verdade, frequentemente, não conseguimos traduzir isso em palavras nem para nós mesmos.

Você com certeza já esteve diante de uma paisagem que parecia incorporar algo que você procurou por toda a vida e então voltou-se para o amigo ao seu lado, que parecia estar vendo a mesma coisa que você via, mas às primeiras palavras, um abismo se abriu entre os dois, e você percebe que aquela paisagem significa algo totalmente diferente para ele, que estava em busca apenas de uma vista exótica, pouco lhe importando a sugestão inefável pela qual você foi arrebatado [...] (LEWIS, 2009, p. 163).

O desejo pelo desconhecido, a vontade de experimentar algo misterioso e aparentemente inalcançável, todas essas coisas terão sua plena satisfação no Céu. Pois esse é o lugar pelo qual cada ser anseia, mesmo sem saber, no mais íntimo de seu ser. O Paraíso não será um lugar onde não existe mais nenhuma diferença entre os seres, pelo contrário, “[...] para o que mais os indivíduos foram criados a não ser para que Deus, amando a todos infinitamente, ame a cada um diferentemente?” (LEWIS, 2009, p. 167).

No céu, a comunhão dos santos será incomparavelmente bela, justamente pelo fato de cada criatura conseguir adorar um aspecto diferente de Deus, podendo transmitir às outras almas aquilo que o próprio Criador a capacitou para compreender e compartilhar de maneira distinta. “Se todos conhecêssemos a Deus da mesma forma e lhe oferecemos em troca um culto idêntico, a canção da Igreja em triunfo não seria uma sinfonia, seria como uma orquestra em que todos os instrumentos tocassem a mesma nota” (LEWIS, p. 168).

O autor fala sobre a afirmação de São Paulo, onde ele diz que “[...] os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada”<sup>3</sup>. Qualquer sofrimento seria, então, insignificante diante da inefável satisfação que existirá no Céu, onde as almas estarão tomadas pela plenitude da presença de Deus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *O problema do sofrimento* uma das questões mais frisadas por Lewis é o fato de se ter uma má compreensão dos atributos de Deus e do propósito para os humanos dentro da criação. Ao esclarecer essas questões, o autor buscou explicar que a ideia de um Deus sempre disposto a servir suas criaturas é um pressuposto equivocado que, geralmente, antecede a pergunta sobre a contradição tratada no texto.

Para Lewis todas as ações ocorrem dentro de um universo com leis fixas, onde todos os habitantes estão sujeitos aos mais variados tipos de sofrimento, que na maioria dos casos são resultados de seus próprios erros. Mesmo que muitas vezes o sujeito sofredor não tenha culpa direta nas dores e angústias que lhe acometem, o sofrimento não é em vão, pois Deus permite e, às vezes, causa o sofrimento de suas criaturas com o propósito de ensiná-las e aperfeiçoá-las, visando uma reaproximação com ele.

---

<sup>3</sup> Romanos 08:18

Os seres foram criados para uma total dependência de Deus, para glorificarem a ele, deixando-se ser amados e devolvendo ao seu Senhor todo o fruto da capacidade de amar que ele lhes concedeu. Aos humanos foi concedido o livre-arbítrio, que em si mesmo é um bem, pois torna possível às criaturas uma relação de reciprocidade com o Criador e com seus semelhantes.

As primeiras pessoas da Terra começaram fazendo mal uso de seu livre-arbítrio, pecando, se afastando de Deus e transmitindo sua imundície a todos os seus descendentes. A partir de então, os humanos devem fazer a marcha de maneira inversa àquela realizada por Adão. A parte mais difícil foi realizada pelo próprio Cristo, que morreu e ressuscitou para permitir a reaproximação entre Deus e a humanidade. A felicidade plena se daria nessa reaproximação com o Céu, onde os sofrimentos são esmagados pela alegria divinamente compartilhada.

A teodiceia do livro *O problema do sofrimento* de C.S. Lewis foi apresentada aqui assumindo a cosmovisão cristã do autor, não com a pretensão de resolver o problema da existência de um Deus bom e onipotente mediante a realidade do sofrimento, mas com a proposta de demonstrar uma possibilidade desta coexistência paradoxal.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **O Livre-Arbítrio**. Tradução: Nair de Assis Oliveira. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S.J. 1ª ed. São Paulo: Nova Cultural (Os Pensadores), 1999.

AQUINO, São Tomás de. **Suma teológica. Volume I**. Tradução: Aldo Vannucchi e outros. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BÍBLIA: Português. **Bíblia de estudo NVI**. Coordenador de tradução Luiz Sayão. São Paulo: Editora Vida, 2003.

LEWIS, C. S. **O problema do sofrimento**. Tradução: Alípio de Franca Neto. 1ª ed. São Paulo: Vida, 2009.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Tradução: Walter. O. Schlupp. 1ª ed. São Leopoldo: Sinodal, EST. Petrópolis: Vozes, 2007.